



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 64/2009  
Contatos: secretaria@isb.org.br

## WILSON SIMONAL

Fui ver o filme do Simonal, o documentário, bem feito, na informação e na emoção, fazendo-nos recordar tempos memoráveis do Brasil e da nossa Cidade. Amigos sugeriram e eu acho que vale um comentário neste Correio, pelo sentimento que o filme levanta e pelo que nos leva a pensar no quanto de erros se cometem nos momentos de paixão e radicalismo. Que fazem parte do ser do homem, e têm sua graça e seu valor, sua importância existencial (Deus nos livre de perder todas as paixões e radicalismos), mas que requerem, nos seus momentos, dois, três, quatro pensamentos repetidos, antes de uma decisão ou julgamento.

E o primeiro comentário é que, vistos à distância, já sem rancor à Ditadura, os fatos convencem de que, realmente, Wilson Simonal não foi um dos serviços empregados pela repressão, informante do SNI, dedo duro ou coisa que o valha. A acusação maior que o derrubou não procede, foi profundamente injusta. Nada, realmente, jamais foi provado desta acusação, e parece óbvio que ele não tinha interesse, não precisava de dinheiro, não tinha esse tipo de vocação e nem era confiável como observador. Era tão-somente um simpatizante do regime, e um simpatizado, a ponto de gozar de favores que precisasse dentro do DOPS.

Mas há que complementar este comentário básico, falando um pouco do caráter desse famoso cantor carioca. A forma de aplicar o rio de dinheiro que ganhava parece de uma irresponsabilidade à toda prova, segundo os depoimentos: moradia das mais caras da cidade, três Mercedes e um Oldsmobile de luxo, restaurantes, boates e mulheres dispendiosas de perder a conta, num descontrole absolutamente completo e infantil de gastos; tudo confiado a um Contador que, neste caso, tinha de ser a pessoa de maior confiança do nosso cantor. A irresponsabilidade ia ao ponto de esnobar o Presidente da Shell que era nada menos que o seu principal patrocinador (tendo sido logo cortado este patrocínio). O resultado não podia ser outro que não a falência. E diante do naufrágio financeiro, nosso artista acusa aquele que devia ser seu homem de confiança. Não dá para julgar o contador pela cara de trinta anos depois que aparece do filme, mas é até possível imaginar que tenha tirado, dos enormes ganhos de Simonal, algo além da sua remuneração contratada, tendo em vista o descontrole absoluto por parte do dono. Mas também fica evidente que não foi ele o responsável maior pela falência.

Bem, culpar outro pelos próprios erros é um pecado muito comum entre os seres humanos; se não inteiramente desculpável, é perfeitamente compreensível, tal a frequência com que ocorre na vida comum em todo o mundo. Agora, em vez de levar o suspeito à Justiça, contratar capangas para lhe dar uma surra afim de obrigá-lo a confessar sob tortura e, mais, chamar um amigo do DOPS para fazer isso, com a sua experiência sinistra, é pra lá de macaratices, é realmente coisa da maior vilania. Não tem desculpa. É um julgamento definitivo. E ninguém apareceu para desmentir ou sequer reduzir com atenuantes a gravidade desta culpa.

Dizer que tudo é relativo, que a arte desculpa tudo, que o grande artista se sobrepõe à ética pelo bem que faz à humanidade, é conversa de gente que não tem nada na cabeça, essa mesma gente que vota no político que rouba mas faz. Caráter e ética são deveres universais, mesmo que desvios e fraquezas, dentro de certos limites, possam ser compreendidos e desculpados. E a gravidade do feito de Simonal não me parece caber dentro desses limites.

---

Instituto Solidariedade Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

www.isb.org.br

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: secretaria@isb.org.br



# CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga  
Presidente do ISB

Artigo nº 64/2009  
Contatos: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)

Agora, passando adiante, outro tipo de julgamento, em outro plano: Simonal foi um grande artista?

Foi um bom cantor, sem dúvida, uma unanimidade. Dizer “grande” cantor, talvez já seja um exagero: ele foi sobretudo um grande animador de auditórios, nisso se põe também unanimidade. Mas o cantor é um músico que, além da beleza da voz (volume e timbre), precisa ter sensibilidade e musicalidade, que são dons naturais, que existem espontaneamente, mas que exigem estudo e trabalho para o seu desenvolvimento. E a verdade é que Simonal não parece ter sido nunca de estudo e trabalho, embora tivesse musicalidade inata.

Assim é que, quando Miele pergunta, no filme, quem teria sido melhor que Simonal, minha vontade foi de gritar Cauby Peixoto, contemporâneo dele, com aquela voz de uma sonoridade que até hoje ressoa nos ouvidos brasileiros, e de um timbre cuja beleza dava de dez a zero em Simonal. Um pouco anterior a eles, lembro Jorge Goulart, que voz, infelicitado pela doença, que perda. Antes ainda, lembro porque vivi, Nelson Gonçalves, e principalmente Orlando Silva, incomparável num tempo em que não se dispunham dos recursos técnicos de hoje, a voz era a voz mesma. E que dizer, já que falamos daquele tempo, que dizer da musicalidade de Silvio Caldas? Teria comparação com algum de hoje? Talvez em Caetano; não de voz, mas de musicalidade, sensibilidade, sim, com certeza. Enfim, julgamentos difíceis de fazer, nem se podem comparar os discos, tão díspares são as tecnologias usadas.

E não é tão importante que se façam essas comparações. O importante é ver o filme, valorizar nosso cinema, acrescentar um pouquinho às bilheterias nacionais, e sair de lá pensando nessas coisas que eu abordei aqui, filosofando e tirando suas próprias conclusões.

---

Instituto Solidarietà Brasil - ISB

Av. Beira Mar, nº 216 - Térreo  
Rio de Janeiro - RJ

[www.isb.org.br](http://www.isb.org.br)

Tel: (21) 2285-3702  
e-mail: [secretaria@isb.org.br](mailto:secretaria@isb.org.br)